

VII OLIMPÍADA FILOSÓFICA DO NESEF: EXPERIÊNCIA DO FILOSOFAR

Por Geraldo Balduino Horn e Alessandro Reina

Caro leitor, apresentamos nessa edição do Jornal O Sísifo um sucinto relato da VII Olimpíada Filosófica do NeseF que foi realizada no dia 18 de outubro de 2019 nas dependências do Setor de Educação – Campus Rebouças – UFPR, organizada pela equipe de pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Ensino da Filosofia (NeseF-UFPR).

A primeira Olimpíada Filosófica do NeseF ocorreu em 2011. Ela nasce da convicção de que as questões filosóficas aparecem na vida de todas as pessoas e em todas as idades. Com um espírito de acolhimento das diferenças e de temáticas sensíveis, as olimpíadas convidam professores e estudantes para o exercício de investigação colaborativa (em equipe) num clima não de competição, mas de colaboração e de estímulo às práticas investigativas. A proposta pedagógica da Olimpíada visa constituir interesses de estudo de estudantes e professores com o intuito de fortalecer e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem que ocorre nas aulas de Filosofia.

A VII edição celebrou o sucesso da aprendizagem coletiva de conteúdos filosóficos a partir do trabalho desenvolvido em escolas paranaenses e de outros estados. Também trouxe a contribuição relevante dos estudantes com a apresentação de temas-problema em diferentes áreas da filosofia, tais como ética, política, estética, mito e filosofia, filosofia da ciência e teoria do conhecimento considerando o tema central proposto aos estudantes: experiência do filosofar.

A Olimpíada contou com a participação de centenas de estudantes do ensino médio, tendo pela primeira vez a participação de alunos da educação infantil e ensino fundamental, além de professores e pesquisadores, todos imbuídos na construção de um projeto emancipador para o pensar crítico a partir da realidade cotidiana por intermédio da filosofia.

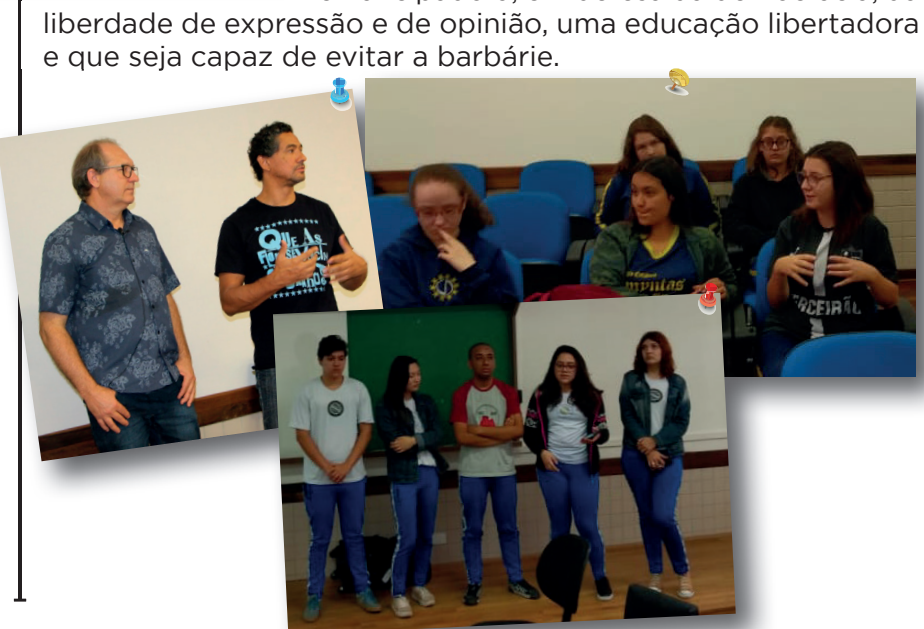
O evento que ocorreu em diversas salas e auditórios simultaneamente possibilitou a apresentação de trabalhos filosóficos realizados com intuito de **fomentar a experiência com o questionamento, o pensamento e a investigação filosófica**. Dos 283 trabalhos inscritos, 84 foram selecionados, apresentados e debatidos. Participaram escolas de Curitiba e Região Metropolitana e de outras regiões do estado do Paraná, Santa Catarina (Xaxim) e outros estados como Bahia, Espírito Santo e Tocantins que tiveram trabalhos aprovados, mas que, por diferentes razões, não conseguiram marcar presença no evento.

Na Olimpíada de filosofia não se tem apenas um vencedor, todos os estudantes são vencedores, a medida que participaram de um processo de construção coletiva do conhecimento em face das inúmeras dificuldades enfrentadas em seu cotidiano escolar. Parte-se do princípio fundamental de que a verdadeira felicidade só é real quando é compartilhada. Isso está ligado ao objetivo fundamental da olimpíada que é a comunhão de visões críticas a partir do saber construído coletivamente.

Nas diferentes salas do evento, os estudantes apresentaram com alegria e empolgação o trabalho construído a partir da filosofia em suas escolas. Cabe ressaltar, que a olimpíada não é a celebração de um único dia acerca da produção dos estudantes, ela revela e consolida um longo processo que foi construído através do trabalho conjunto dos estudantes com seus professores nas suas escolas de origem ao longo do ano, para só então, os trabalhos serem apresentados na olimpíada.

A VII Olimpíada de Filosofia do NeseF celebrou também a resistência dos estudantes em face dos inúmeros ataques do atual governo a educação. Os trabalhos apresentados demonstram não somente a força da filosofia no Estado do Paraná, como sua relevância para o contexto de formação do estudante, visando uma formação integral, com uma educação mais humana e de qualidade.

Diante dos inúmeros ataques à Filosofia, tanto com ameaças à sua permanência no currículo quanto por meio da redução do número de aulas, os estudantes demonstraram que a Filosofia ainda vive e resiste, pois a luta de todos aqueles que desejam um futuro melhor passa pela concepção de uma educação crítica e emancipadora, em defesa da democracia, da liberdade de expressão e de opinião, uma educação libertadora e que seja capaz de evitar a barbárie.



MEDIAÇÃO DOCENTE NA EXPERIÊNCIA DO FILOSOFAR

Por Edson Teixeira de Rezende e Marcio Pheper

O trabalho pedagógico realizado pelo docente de filosofia, promovendo nas aulas uma espécie de laboratório conceitual de aprendizagem, como descreve Manuel Maria Carrilho em sua obra *Razão e transmissão*, pode ser compreendido nas apresentações públicas realizadas pelos estudantes na sétima Olimpíada Filosófica promovida pelo NeseF no ano de 2019.

A olimpíada filosófica considera os carecimentos que emerge a vida cotidiana dos estudantes e professores, problemas e conceitos presente na filosofia, a relevância do texto e contexto das obras filosóficas, os diversos gêneros textuais e a produção de vídeos como elementos de compartilhar a práxis reflexiva ocorrida no ambiente escolar.

Para a professora Lidiane Grutzmann realizou trabalhos no Colégio Nossa Senhora Medianeira e manifestou a relação da experiência do filosofar presente na filosofia, tendo a preocupação em compreender os carecimentos oriundos da vida dos estudantes, analisar o cenário político e educacional brasileiro, estudar os conceitos e problemas presente na história da filosofia que colabora para a reflexão filosófica, tendo dez grupos de trabalhos inscritos ela afirma que: “Esta Olimpíada promoveu uma espécie de insurreição filosófica, na medida em que os estudantes se ocuparam de temas essencialmente críticos e potencialmente disruptivos. Que o NeseF se mantenha contribuindo e fomentando este diálogo filosófico entre academia, professores e estudantes da educação básica, cujo resultado é a formação de sujeitos abertos ao diferente, criativos, filosoficamente reflexivos e culturalmente emancipados”. Essa compreensão é corroborada com a práxis de João Paulo Rodrigues que orientou trabalhos no Colégio Estadual Emílio de Menezes localizando em Arapongas descreveu a transposição das reflexões produzidas na sala de aula sobre temas diversos para curta metragem, como a linguagem cinematográfica pode ser uma maneira de socializar, pensar e interagir filosoficamente. Demarca que “os estudantes tiveram a oportunidade de usar sua criatividade para desenvolver sua capacidade crítica, ao compreender a ligação entre o conteúdo de filosofia abordado em sala de aula com a realidade que o cerca.”

Segundo o professor Michel Alves Agüero do Colégio Estadual Clotário Portugal o trabalho filosófico com os estudantes do Ensino Médio, colabora para análise do conhecimento, práticas e do viver. Contribuir para romper com o preconceito e erro, buscando a verdade através do método rigoroso, radical

e de conjunto presente no filosofar. “o estudo da Filosofia deve preparar os alunos contra a “precipitação” e “prevenção” no julgar, e, elogiando uma das temáticas apresentada na olimpíada filosófica, torna-lós aptos para identificar as “falácias” que tanto interferem no entendimento e julgamento sobre questões que influenciam o existir humano. A VII Olimpíada Filosófica mostrou que o trabalho realizado nas escolas é do mais alto nível, que cada professor de filosofia, ao seu modo, cumpre com esse papel, contribui para uma formação humana e autônoma dos alunos, além do que consegue promover a ponte entre a escola e a universidade, e esse é um trabalho que não pode ser descartado de forma alguma, pois ele é unificador, ele dá sentido a todo o restante do conhecimento adquirido”.

De acordo com Edson Teixeira de Rezende do Colégio Estadual Amyntas de Barros com nove trabalhos inscritos, considera a atividade de ensino aprendizagem da Filosofia tendo o espaço da olimpíada como um fator que “potencializa o trabalho filosófico junto aos estudantes por permitir a leitura do texto filosófico a sua transposição para a vida cotidiana dos estudantes. E proporcionar o uso de uma outra linguagem para expressar o conhecimento aprendido e sua relação com dia a dia. Os estudantes sentem-se motivados a produzir e no ano seguinte [...] O evento possibilita visibilidade da filosofia pela comunidade escolar sua relevância na formação educacional dos estudantes.”

A Olimpíada Filosófica segundo professor Marcio Pheper do Colégio Estadual do Paraná teve oito trabalhos inscritos “a Olimpíada superou as expectativas, pois resgatou o debate dialético, a convivência harmoniosa entre diferentes instituições de ensino, a pluralidade de ideias e o respeito às diferenças. Princípios que a sociedade brasileira, na atualidade, necessita retomar como fundamento ético entre as pessoas”.

Dentro de um contexto democrático onde prevalecesse as garantias civilizatórias expressadas na constituição e todo o seu arcabouço jurídico, já seria de enorme importância o exercício dos jovens na reflexão sobre o seu “ser” e “tempo”; contudo, essa importância se torna exponencial frente as ameaças fascistas que desvirtuam o conceito de democracia reduzindo-a a mera imposição de uma maioria manipulada e conveniente em detrimento de uma minoria acuada. Nesse bojo é que a Olimpíada filosófica se apresenta como ato de resistência da ciência e do pensamento racional e, de uma forma fundamental, garantindo o livre pensamento fundamentado nas maiores mentes da humanidade que foram brilhantemente reavivadas por crianças do ensino fundamental e jovens do ensino médio.

A expressão da pluralidade de pensamento, bem como a liberdade de cátedra se objetivou em trabalhos que transitaram por todos os campos filosóficos, da ética à lógica, da busca pela essência à crítica dos padrões.



OLIMPÍADA FILOSÓFICA: A EXPERIÊNCIA DO/NO COMITÊ CIENTÍFICO

Por Cleber Bianchessi e Elisane Fank

Qual o papel do Comitê Científico numa Olimpíada de Filosofia? Embora a Filosofia não seja uma ciência, não há ciência sem Filosofia. Para além dela, a Filosofia pressupõe a busca incessante do questionamento, do conhecimento, da reflexão e da “verdade”. Os filósofos e filósofas se preocuparam em explicar a realidade, em cada momento histórico, de modo a produzir conhecimentos que nos permitem, não somente analisar nosso cotidiano, como as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, de modo a elevar nosso pensamento do senso comum ao saber filosófico. Com este esforço refletimos nossa própria concepção de mundo e a forma como agimos sobre ele. Este exercício interdisciplinar pressupõe a experiência do filosofar.

O papel do Comitê Científico da **OLIMPÍADA DE FILOSOFIA DO NESEF** tem como objetivo conduzir a seleção do material produzido pelos participantes. Durante todo processo é observada a interação entre estes, descartando o espírito meritocrático e competitivo da ideologia neoliberal. Para além de premiações e classificações, vislumbra-se a formação dos estudantes, o desenvolvimento do espírito crítico, investigativo e dialógico; a expressão das vivências para o questionamento, produção de conceitos e criação de novas possibilidades. A prática coletiva do filosofar – por meio do estudo de textos filosóficos, vivências e análises críticas das suas relações com a sociedade – é o mote pelo qual os trabalhos são avaliados.

Não obstante, algumas reflexões permeiam o papel do Comitê na análise dos trabalhos dos estudantes da Educação Básica e Superior de escolas públicas e privadas, quais sejam: 1 – Qual o papel de uma Olimpíada de Filosofia, em se concedendo a dimensão não competitiva desta disciplina? 2 – Qual a importância da Filosofia para estudantes do Ensino Fundamental e Médio? 3 – Qual o objetivo da avaliação neste aspecto?

Se nosso cotidiano, marcado por relações desiguais, excludentes e meritocráticas, é o resultado de um modo de produção que, historicamente reforça a competitividade, então, a Olimpíada de Filosofia pressupõe o “contra-pelo” da história: não competir, mas criar, aprofundar conhecimentos, desenvolver problemas e conceitos filosóficos; fundamentá-los, agindo no cotidiano, de forma crítica e transformadora, enfrentar os modelos sociais que reproduzem o preconceito, a discriminação, a violência. Isto só se dá indo para além do senso comum e é aí que entra o papel do Comitê Científico e da avaliação.

Neste contexto, o Comitê Científico utilizou-se de alguns critérios para selecionar o vasto material apresentado a partir de elementos musicais, teatro, vídeos, poesia, contação de histórias e outros que contribuem para a reflexão filosófica.

Considerou-se também o desenvolvimento dos problemas e conceitos filosóficos interdisciplinares e a investigação conceitual. Observou-se o desenvolvimento de uma prática filosófica, na perspectiva da Experiência do Filosofar; valorizou-se a metodologia com linguagem adequada aos fins pedagógicos e utilizada no desenvolvimento do trabalho.



Na esteira de uma concepção de mundo que não reproduza o lugar comum e a meritocracia, avaliar os trabalhos tem como parâmetros os critérios bem definidos e não a comparação entre os trabalhos que são o produto do esforço filosófico, artístico, criativo e coletivo.

Estas avaliações começam no estabelecimento de ensino, no processo de produção, na construção do conhecimento e culmina no exercício dos professores do NeseF em acolher os trabalhos que possibilitem, não somente perceber a relação dos temas com os filósofos/filósofas escolhidos, como a transposição para o cotidiano.

Ou seja, os vídeos conseguem trazer temas da atualidade a ser analisada, à luz do conhecimento filosófico? Os temas vão para além do senso comum, de modo a não repetir padrões de preconceito, que reforçam a sociedade masculinizada, eurocêntrica, colonial e desigual? De que forma o filósofo ou filósofa escolhidos permitiu ao coletivo desenvolver outro olhar sobre a realidade? Estas reflexões permeiam o avaliador do comitê científico da mesma forma como expressa o objetivo da Filosofia.

Segundo a filósofa Húngara Agnes Heller, a juventude é o terreno fértil sobre o qual se semeia a arte de filosofar. Se concebermos que tudo está em movimento, então devemos refletir sobre quais bases desejamos transformá-la a partir da escola e dos jovens.

Neste sentido, assistir aos vídeos que nos chegam é de uma riqueza que nós, do Comitê Científico, compartilhamos com quem o produz, com o professor que acompanha e com quem os assiste.

MEDIADOR DE SALA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Por Laersio Jorge Falcade

A experiência de mediador de mesa expressa o regozijo do professor de Filosofia quando se percebem estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio, não somente apresentando suas pesquisas em forma de produção de Áudio Visual, como também fundamentando suas ideias dialogicamente.

A Olimpíada filosófica consegue despertar nos alunos a vontade do debate e do diálogo, a curiosidade sobre os assuntos apresentados e pesquisados em sala e pelos demais colegas, bem como a capacidade de criação e síntese ao fazer a transposição didática dos assuntos filosóficos sobre as práxis do cotidiano. Muito interessante constatar que a teoria filosófica, fundamentada em filósofos clássicos e contemporâneos, expressa a forma pela qual a prática chama a teoria e esta se objetiva no cotidiano, seja ele de natureza social, política, econômica ou mesmo existencial.

Vale ressaltar que esta foi a sétima edição da Olimpíada Filosófica, mas a primeira experiência que tive como mediador. Neste sentido ressalto a desigual qualidade do conteúdo apresentado. Na sala onde participei destaque um estudante de Londrina que dedicou-se à apresentação de diversas pesquisas apresentadas em forma de vídeos, sendo duas delas na sala onde mediava com temas complexos como “O Amor Fati” em Friedrich Nietzsche e a sensibilidade expressa na frase de introdução “Um dia a vida fará você sentir”.

Senti-me orgulhoso nesta participação, entendendo que este é o momento do estudante, de mediar as discussões entre eles, sem tirar seu protagonismo. O mediador, como agente promotor do debate, apenas se coloca à disposição deles: estruturalmente – organizando os equipamentos – e dialogicamente – fazendo as costuras entre as apresentações, instigando e provocando reflexões, bem como levando os estudantes ao questionamentos sobre assuntos que eles próprios consideram relevantes. Não é espaço nem de aula nem de diretividade, mas de trocas e interlocuções conceituais.



PROTAGONISMO FILOSÓFICO DOS ESTUDANTES A PARTIR DO USO DE DIFERENTES LINGUAGENS

Por Douglas Lopes e Paulo Renato A. Dias

O uso da linguagem oral, escrita e audiovisual no espaço da educação coloca questões complexas e significativas. Não apenas cada uma delas é aprendida e apreendida de maneira distinta, mas também permite produzir conhecimentos e expressar ideias de formas específicas. Sendo assim, é fundamental compreender as particularidades de cada uma, bem como os desafios colocados para a produção de comunicação nas diferentes linguagens.

Segundo Freire (1998), um mínimo de palavras, com a máxima poli-Valência fonêmica, é o ponto de partida para a conquista do universo vocabular. Essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfiguradas pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo. Esse processo de aprendizado da linguagem oral é um processo não sistemático, pois aprendemos a interpretar e falar ao mesmo tempo. O autor observa, então, que no processo de aprendizado no início da alfabetização, a codificação e a decodificação permitem ao Alfabetizado integrar a significação das respectivas palavras geradoras em seu contexto existencial.

Muito tem se debatido sobre a utilização das novas tecnologias – imprensa escrita, rádio escolar, blogs, utilização do celular para produção audiovisual. É verdade que na linguagem audiovisual os estudantes podem até produzir filmes com o aparelho celular; no entanto, ele não vai ser visto. Quando o professor em sala de aula realiza uma atividade sugerindo que os estudantes produzam um vídeo sobre determinado texto de filosofia, o que muitas vezes se observa é que esses sujeitos do aprendizado leem o texto diante da câmera ligada sem se dar conta que estão diante de uma outra linguagem, não pensam que estão produzindo um filme.

O que pensam os/as estudantes/as?

As edições das olimpíadas filosóficas contam com a participação de centenas de adolescentes e dezenas de professores das redes pública e privada, os quais tem dupla oportunidade – a de pesquisar filosofia e a de desenvolver um conteúdo audiovisual acerca do tema estudado. Além disso, essas produções são compartilhadas com outros estudantes, construindo um clima pautado na democracia, na razão e na criatividade dos/as jovens. A esse respeito, vale verificar como foi a

experiência da estudante **Agatha Gabriela de Lima Prata**: “Eu amei a experiência de poder participar de uma olimpíada de Filosofia. Foi a minha primeira, e espero ser a primeira de muitas. Foi uma experiência maravilhosa, por poder dialogar com pessoas de pensamentos diferentes do meu. E principalmente expor minhas ideias com pessoas mais velhas, e de lugares diferentes. Tudo isso foi um grande aprendizado para mim. Poder aprender mais de formas diferentes sobre outros filósofos naquele dia, para mim foi muito importante. Platão, Descartes, Sócrates... Todos eles foram importantes para mim, por poder entender um pouco mais sobre o mundo. Um pouco mais de conhecimento e experiência. É sempre bom!!! Agradeço a todos que nos proporcionaram esse dia!!!”.

Além da realização do processo de pesquisa e produção dos vídeos, os estudantes sentem-se engrandecidos em poder expor seus trabalhos e as interpretações desenvolvidas por eles. A experiência torna-se mais rica com o compartilhamento das produções, enriquecendo o aprendizado em relação aos clássicos



da filosofia. Todas as salas de exibição dos curtas contam com a mediação de professores, possibilitando o estímulo aos debates e à reflexão. Neste âmbito, vemos o testemunho da aluna **Julia Messias Leal**: “A Olimpíada de Filosofia foi uma experiência marcante, tivemos lugar onde conseguimos interagir com pessoas que compartilham de pensamentos parecidos com os nossos, onde tivemos a liberdade de falar o que pensávamos, sem achando que sabe, mais ou menos do que alguém porque uma ideia complementava a outra. Posso falar com segurança que nunca vou esquecer do que aprendi naquele dia. Espero que ano que vem eu esteja lá de novo.”

Esses testemunhos nos permitem resgatar os compromissos firmados pelos países signatários da Declaração de Paris Pela Filosofia, organizada pela UNESCO em 1995: “Sublinhamos que o ensino de filosofia favorece a abertura do espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e entre os grupos [...] Reafirmamos que a educação filosófica, formando espíritos livres e reflexivos – capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância – contribui para a paz e prepara cada um a assumir suas responsabilidades face às grandes interrogações contemporâneas, notadamente no domínio da ética...”

A sétima edição das Olimpíadas Filosóficas do NeseF, portanto, demonstra que (apesar dos vários ataques que a filosofia tem sofrido nos últimos anos) a reflexão crítica está mais viva do que nunca nas novas gerações, o que nos permite ter um olhar de esperança acerca da consolidação dos valores democráticos.

EDUCAÇÃO FILOSÓFICA E A FORMAÇÃO CRÍTICA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Por Anderson Tedesco, Lidiane Grutzmann, Mayco Delavy e Raquel Aline Zanini

Tendo em vista o atual cenário político e educacional brasileiro marcado por retrocessos e ameaças ao espírito democrático, onde barbáries resultantes de posicionamentos de perseguições religiosas, econômicas, étnico-raciais, de políticas públicas ditatoriais disfarçadas de democracia, cujo objetivo é o (des)monte de nossas Instituições de Ensino, ter participado da VII Olimpíada do NeseF foi uma experiência filosoficamente revigorante. As(os) estudantes se dedicaram e estudaram textos, levantaram, a partir das leituras, problematizações acerca da realidade local e global, estabeleceram relações entre conceitos e interpretações da realidade, utilizaram a tecnologia para traduzir e representar suas criações e poéticas e compartilharam suas produções e inquietações com colegas, familiares e estudantes.

Um processo longo que culminou com a partilha das produções em um dos campi da Universidade Federal do Paraná. Um trabalho lindo possibilitado pelo NeseF, pelo qual somos gratos(as). Acreditamos que o papel da universidade seja justamente este: o de estabelecer pontes entre a produção científica acadêmica e as demandas da sociedade. Nossos alunos e alunas puderam se sentir parte da comunidade acadêmica e convidados(as) a contribuir com ela em outros níveis. Esta Olimpíada promoveu uma espécie de insurreição filosófica, na medida em que os(as) estudantes se ocuparam de temas essencialmente críticos e potencialmente disruptivos.

Por se tratar de uma Olimpíada voltada também para o Ensino Fundamental, temos aqui uma proposta de fronteira do NeseF e que caminha na contramão da lógica pragmático-empresarial que assola a educação básica nacional. Em primeiro lugar, porque pressupõe uma dimensão meramente instrumental do saber, tornando o conhecimento mera ferramenta de intervenção e manutenção do sistema econômico vigente. A consequência desse posicionamento para a educação básica em seus anos iniciais é tornar os(as) estudantes *sujeitos de aplicação*. Em outras palavras, pedagogia das competências para formação de mão de obra barata e ignorante.

Em segundo lugar, vemos “uma certa tradição” da educação básica à não compreensão dos/das estudantes como seres humanos capazes de se abrirem para o fazer filosófico. Seja por uma compreensão rasa das fases do desenvolvimento biopsíquico calcada unicamente no pensamento concreto, como se a

criança, a seu tempo e a seu modo, não fosse capaz de abstrair da realidade criando realidades outras, ou porque, implicitamente, compreende-se a dimensão “concreta” como a reprodução literal (não literária) do mundo da vida. A consequência dessa visão apequenada de conhecimento e aprendizagem é a formação única e exclusiva de seres humanos para um mundo de trabalhadores sem trabalho, dado que o desemprego no capitalismo é pressuposto estrutural da manutenção das relações de desigualdade e miséria dos seres humanos.

Como contraponto a essa realidade desigual, devemos pensar a educação filosófica como um direito fundamental e necessário de superação não apenas das desigual-

dades econômicas e epistemológicas, como também de uma ruptura radical com o sistema simbólico que determina as relações humanas pautadas em uma lógica financeira e de extermínio. Ela precisa romper com a compreensão do ensino da filosofia pautado numa racionalidade instrumental e técnica, reconhecendo que a razão que permeia a filosofia é

reflexiva, crítica e possibilita a transformação da realidade.

Do mesmo modo, é imprescindível e urgente disponibilizar às crianças e adolescentes espaço de diálogo, a fim de minimizar a polarização de opiniões e a disseminação de notícias falsas que tem se proliferado, o que impossibilita uma boa discussão pautada no ouvir, argumentar e inviabiliza a construção do conhecimento.

A oferta de uma educação filosófica para as crianças e adolescentes é a condição primeira da manutenção de uma utopia coletiva hoje um tanto desgastada: sim, um outro mundo é possível! Serão eles os protagonistas da revolução, é neles que devemos depositar a esperança de um futuro diferente e, por isso, devem ser ouvidas e ter espaço para manifestarem-se e trocarem com seus pares.

Que o NeseF se mantenha contribuindo e fomentando este diálogo filosófico entre academia, professores e estudantes da educação básica, cujo resultado é a construção de condições para a formação de seres humanos abertos ao diferente, criativos, filosoficamente reflexivos e culturalmente emancipados para uma consciência do bem viver.

O ano de 2019 foi muito especial para o Coletivo NeseF, com muitas atividades e pesquisas visando ao fomento do ensino de Filosofia. Desejamos a todos um Feliz Natal e um excelente Ano Novo. Aguardem as novidades de 2020!

Participe do Jornal
ENVIE SEU ARTIGO PARA
journalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexsander Machado
Diagramação: Bardo Revisão (bardo.revisao@gmail.com)